Luís G. Teixeira Neves

Historia da Arte

O seu ensino no
Lyceu de Coimbra
(Relatorio).

COIMBRA
Imprensa da Universidade
1911

Historia da Arte

Luís G. Teixeira Neves

Historia da Arte

O seu ensino no
Lyceu de Coimbra
(Relatorio).

COIMBRA
Imprensa da Universidade
1911

DUAS PALAVRAS

Este singelo relatorio do meu ex-discipulo Teixeira Neves não tem pretenções a obra de critica de historia de arte. Tem apenas valor documental e como tal se apresenta.

Ha cinco annos, desde que se organizaram as excursões de estudo nos lyceus, que eu me tenho esforçado por dar aos meus alumnos algumas noções de historia de arte, na cadeira da *Historia da Civilização* da 7.ª classe, completando-as depois com viagens de estudo.

A educação esthetica tão descurada no nosso país, parece-me ser indispensavel complemento da educação moral e intellectual ministrada nas nossas escolas. Assim a mocidade aprende a ver, a respeitar e admirar, não só os monumentos que synthetizam antigas e gloriosas tradições, mas toda a realização ou manifestação de arte moderna.

Todos os alumnos das escolas, ricos ou pobres, podem concorrer para conservar os despojos do nosso minguado espolio artistico e bem assim, em obras proprias ou naquellas de utilidade publica em que intervenham como administradores, podem tambem fazer imprimir um cunho de verdadeira arte que honre o nosso país.

É debaixo do duplo aspecto educativo e economico que eu tenho encarado o ensino da historia de arte nas escolas.

Para que os artistas produzam e progridam é indispensavel que haja quem os comprehenda, quem os incite e quem os pague.

É natural que este modesto trabalho tenha varias lacunas e algumas expressões menos rigorosas, proprias da pouca experiencia do seu auctor.

Entendi deixá-lo imprimir tal como foi feito para não prejudicar a sinceridade com que foi sentido e escripto.

Cumpre-me por fim agradecer as exageradas e amaveis expressões que o auctor me dirige e que são filhas do enthusiasmo proprio daquella generosa edade em que tudo nos parece muito melhor do que é.

Faço votos para que se este despretencioso trabalho, não agradar inteiramente pela execução, mereça ao menos a indulgencia dos criticos pela bella intenção que o produziu.

Coimbra, 7 de agosto de 1911.

E. A. Sanches da Gama.

Com o intuito de dar aos alumnos, que frequentam a instrucção secundaria, uma orientação de estudos mais adequada á nossa época e uma educação literaria ou scientifica mais ampla e complexa, determinou o Governo, que elaborou o programma de ensino lyceal, e, em nossa opinião, acertadamente, que nos Lyceus se organizassem excursões de estudo sobre os differentes ramos de ordem scientifica.

Foi, pois, no cumprimento deste benefico dever que o curso do 7.º anno de letras deste Lyceu levou a effeito neste anno lectivo — 1910-1911 — a sua excursão aos conventos de Alcobaça e de Santa Maria da Victoria, ou mosteiro da Batalha, como é mais conhecido, para assim completar, tanto quanto possivel, os estudos historico-literarios, iniciados no anno lectivo findo com a visita pormenorizada ao templo da Sé Velha desta cidade.

Tanto naquella visita, como na actual excursão, tivemos o prazer de ser acompanhados, dirigidos e elucidados pelo nosso sabio mestre e distincto professor de *Historia da Civilisação*, o Ex.mo Sr. Dr. Eugenio Sanches da Gama.

O assumpto deste breve relatorio, de cuja organização fomos incumbido, será a exposição succinta do que

vimos e notámos referente á architectura dos mosteiros, parecendo-nos, todavia, conveniente, para mais consentanea ordem de ideias e intelligencia da evolução dos estylos architectonicos, iniciar este trabalho pelo estudo, ainda que resumido, da *arte romanica,* a proposito da nossa visita á Sé Velha de Coimbra no anno findo, como fica dito.

Coimbra, abril de 1911.

O estylo romanico

Permittida a propaganda livre da Religião christã dentro do imperio romano, mais tarde, no reinado do imperador Constantino, adoptada e reconhecida como religião official, uma das preoccupações que desde logo mais prendeu a attenção dos christãos foi a escolha do templo para a celebração do culto.

Dentre as construcções caracteristicamente romanas, tres havia sobre as quaes podia recaír essa escolha: os *templos pagãos,* as *thermas* e as *basilicas.*

Mas, nem o templo pagão, imitação do grego, se prestava ao fim que tinham em vista, quer por lhes recordar as divindades gentilicas, quer pela sua pequena capacidade; nem as thermas, comquanto satisfizessem devidamente ás exigencias de momento, lhes convinham tambem, por não terem nem braços, nem dinheiro bastante, com que levantar fábricas daquella natureza e luxo, feitas só com os numerosos recursos do imperio.

Restava-lhes consequentemente a ultima fórma, a das basilicas, edificios destinados aos magistrados e negociantes, cujo organismo consistia apenas em grandes paredes com arcadas, sustentando tectos de madeira, reminiscencia que vamos encontrar ainda hoje em al-

guns templos romanicos, como na egreja de S. Salvador de Coimbra.

Foi pois nas basilicas, mais ou menos modificadas, que elles estabeleceram primitivamente o seu culto.

*

É a base da evolução architectonica o mysticismo religioso dos povos: e, conforme a sua indole, assim a sua arte.

O Egypto, com toda a gravidade e terror da sua religião, apresenta-nos esses monumentos grandiosos, chamados *pyramides,* que, se não atráem o viageiro descuidoso pela formosura e elegancia de columnas e belleza de imagens, prendem-lhe, todavia, a attenção pelo gigantesco amontoado de suas pedras descommunaes e pelo pesado tétrico do seu conjunto.

Os assyrios, como povo essencialmente cruel, guerreiro e caçador, figuravam expressivamente na arte os caracteres de verdadeiros realistas.

A Persia, por isso que a sua religião, toda espiritualista, lhe não permittia idealizar na arte a symbolisação da divindade, não representa na historia um typo de architectura caracteristico e original, vivendo, por assim dizer, de moldes emprestados, quer do Egypto, quer da Grecia.

Os hellenos, com a luz diáphana do seu bello firmamento, com o seu clima suave e perfumado, com o seu espirito de independencia e o seu genio verdadeira-

mente artistico, com os recortes dos seus montes, banhados pelo mar como esconderijo de fadas, com o seu culto de volupias e prazeres, arrebatam-nos o espirito para o luxo e extrema elegancia dos seus pequenos templos, que quasi se nos afiguram delicados enfeites ou finissimas joias, e para a sublimidade da estatuaria, em que povo algum os excedeu jamais.

E, na verdade, a arte grega póde traduzir pelo cinzel a expressão mais pura do *bello* e dar-nos a imagem mais perfeita da plastica feminil, insuflando a vida na pedra bruta.

Desta arte admiravel surgiram as divindades olympicas, e, como alguem disse: — «das ondas serenas do mar Egeu, coroadas de espuma branca e transparente como finissima renda, que vinham quebrar-se com suavidade sobre a areia doirada das costas do Peloponeso, nasceu o formoso corpo de Venus, *a expressão ideal da belleza da fórma*».

Aos gregos succedeu esse povo de temperamento forte e bellicoso, que dominou o mundo com a sua espada.

Os romanos com o seu polytheismo guerreiro legaram-nos essa architectura pesada, mas grandiosa e luxurienta de que são exemplo as ruinas magestosas da *Roma dos Cesares*.

Appareceu-nos finalmente a arte christã.

Os seus adeptos, saídos das sombras pesadas dos lôbregos subterraneos das Catacumbas, lembrados dos canticos religiosos dos martyres, e ainda com os olhos toldados pelo sangue vertido nas arenas, prégando a morigeração dos costumes e ensinando a pratica das virtudes, não podiam dar-nos logo outros ensaios archi-

tectonicos senão os que traduzissem ao vivo a concentração do espirito, a contemplação da divindade e a melancholica tristeza que os absorvia, predicados de que enfermam todos os monumentos da architectura christã primitiva e bem assim, mais ou menos, todos os outros até final do seculo XII.

*

O imperio romano, corroído até á medula dos ossos por toda a casta de vicios e de crimes, não podendo resistir á miseria da plebe e á devassidão dos nobres, estava condemnado a desapparecer debaixo do peso das couraças dos barbaros do norte.

E sob a ruina das *aguias romanas* ficára sepultada, tambem, a arte propriamente latina.

Mas a arte christã não podia paralysar: morta no Occidente, resurgia triumphante no Oriente, e um outro typo de architectura se espalhou com rapidez vertiginosa por toda a parte: a *arte bysantina.*

Esse novo modelo de architectura era a *resultante* da acção reciproca de todos os elementos orientaes, chocando-se, por entremedio do christianismo, com o estylo grego.

Foi só nos principios do seculo X que a architectura occidental começou de entrar numa nova phase de actividade, mostrando-se-nos já accentuadamente no começo do seculo XI a chamada *arte romanica.*

Mas o que era essa arte romanica?

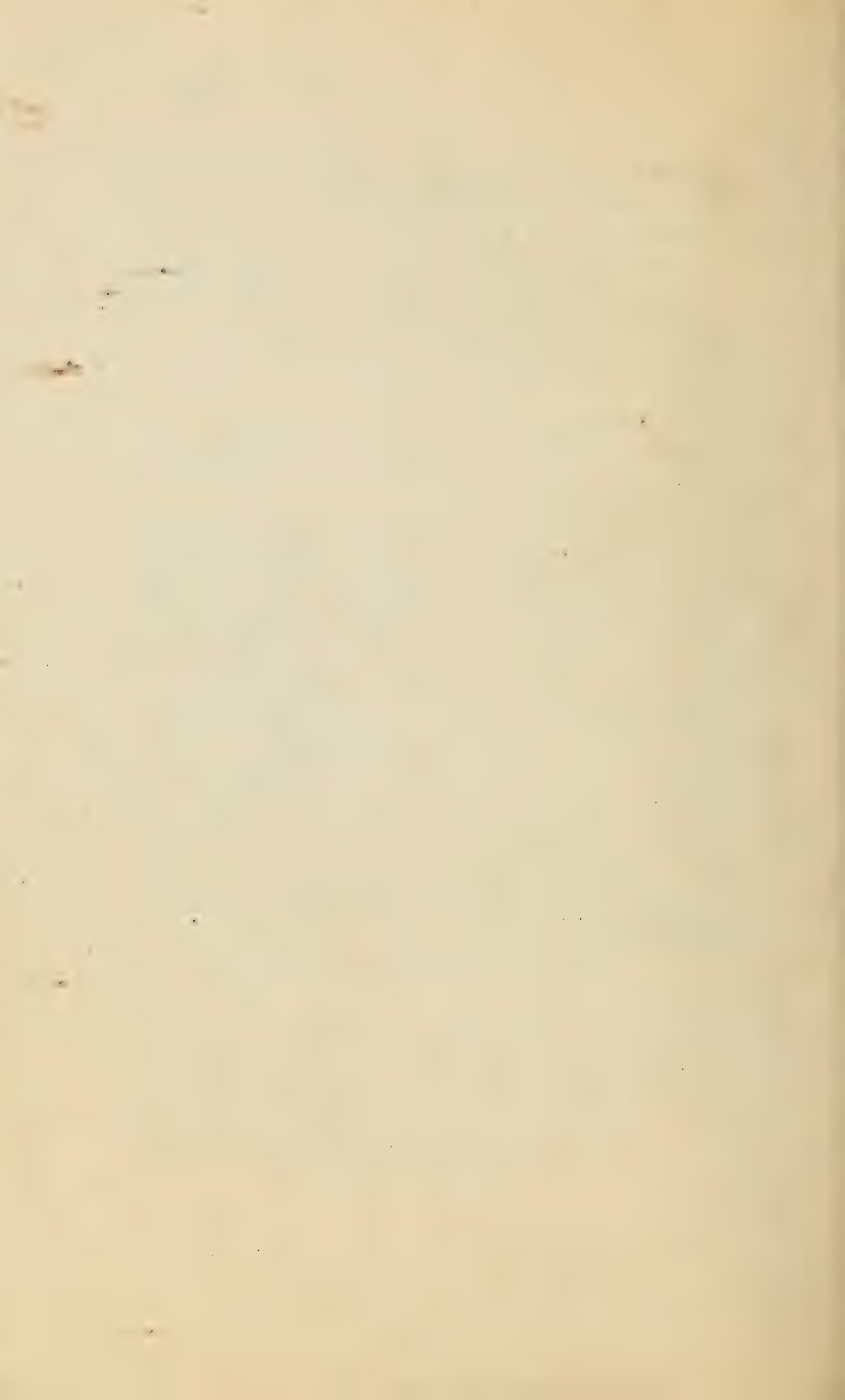
Seria um traslado dos moldes romanos ou a reproducção do typo bysantino?

Nem uma nem outra coisa.

A architectura romanica, como diz o Sr. Gomes dos Santos no seu livro — *Architectura Christã* —, «não é uma *copia* nem das fórmas latinas, nem das orientaes, mas uma sabia *adaptação* de elementos ás necessidades da época».

Esta architectura estendeu-se a todos os países, propagada pelas ordens monasticas, pelos peregrinos e pelos commerciantes.

Na França desenvolveu-se com as escolas de Poitou, Perigord, Auvergne, Normandia e outras; na Allemanha foi tal a sua intensidade, que chegou a converter-se em estylo nacional, sobresaíndo, como admiravel exemplar, a egreja de Santa Maria do Capitolio, em Colonia; na Inglaterra, segundo os moldes normandos, notabilizou-se com a egreja de Peterborough, do mais puro romanico; na Italia com a cathedral de Pisa; na Hespanha com as de S. Thiago de Compostella e de Salamanca; e em Portugal com as Sés de Braga e de Lisboa e com as egrejas de Santa Maria de Thomar, de S. Thiago e Sé Velha em Coimbra.

É deste ultimo monumento que vamos occupar-nos resumidamente.

O templo da Sé Velha

A Sé Velha, construida sob os moldes romanicos, é, neste estylo, o typo mais fiel, mais completo e bem acabado, que possuimos em Portugal.

O seu conjunto exterior é grandioso e bello, pesado, mas sublime.

Coroada de ameias e setteiras, offerece um aspecto bellicoso, mas de um effeito arrebatador.

Afóra os dois porticos lateraes em estylo renascença, e pouco mais, o seu todo é construcção do seculo XII.

Logo que nos approximámos do antigo monumento, o nosso distincto professor chamou-nos a attenção para uns grandes contrafortes de cantaria, denominados *gigantes* ou *cachorros,* cujo fim, descendo ao longo das paredes, é reforçá-las, contrabalançando ao mesmo tempo o peso das abobadas.

Para não se comprometter, pois, a solidez nem diminuir a resistencia dos muros, apesar de grossissimos, são estes desprovidos de janellas, supprindo a sua falta estreitas frestas, algumas das quaes só na apparencia, donde provem grande escacez de luz no interior do templo.

A porta principal, obra do celebre Roberto de Lis-

boa, está, segundo o costume da época, virada ao poente, e é composta de duas andadas successivas de columnas, sustentando egual numero de arcos de circulo, que a tornam summamente elegante.

A cada lado deste portico descobrem-se os vestigios de duas largas janellas, que o bispo D. João de Mello, talvez com bom intuito, mas muita ignorancia da arte, mandou abrir, as quaes felizmente fôram tapadas na ultima restauração do templo.

Á parte superior da fachada principal addicionou-se um campanario, que, em vez de a realçar, assás lhe deturpou a belleza architectonica.

O maior dos porticos lateraes, a que já alludimos, é construcção do grande architecto João de Castilho.

Embora este portico represente grande talento e muita originalidade da parte do artista, pelos finos lavores e aprimorada elegancia do estylo, melhor tivera sido, talvez, na ultima restauração, recolhê-lo a um museu, para não se perder obra de tanto merecimento, e substituí-lo por outro do estylo proprio da época em que o templo foi construido.

Interiormente a igreja é bastante ampla.

Como as antigas basilicas latinas, está dividida em tres naves, das quaes a central é a mais elevada, e todas ellas cobertas por *abobadas de berço,* como caracteristica fundamental da arte romanica.

Sustentando as abobadas, vêem-se a todo o correr do templo pesados molhes de columnas ou antes grossos pilares, que delimitam as naves, dando-lhes um ar sombrio e triste, que leva o espirito á contemplação.

As lateraes, sendo mais baixas, são sem duvida um

sustentaculo ou reforço ao peso da abobada da nave central.

Ao longo dellas, incrustados nas paredes, topam-se varios altares com retabulos de talha doirada e alguns mausuleus de personagens illustres.

A nave do cruzeiro ou *transceptum*, correspondente ao antigo *calcidicum* da basilica romana, dá uma fórma de cruz latina á planta da igreja.

Ahi se encontra o *triplice-abside*, uso derivado, talvez, dos costumes bysantinos. Cada um delles corresponde a cada uma das naves da igreja, sobresaíndo o central pela sua grandeza e pelo aspecto magestoso que dá ao templo.

Para o *transceptum* abrem as capellas dos tres absides, todas notaveis pelo seu primor, sendo digna de menção especial a capella-mór em cujo altar se admira uma esplendida obra de talha doirada em estylo *gothico-flammejante*, a proposito do qual o Sr. Dr. Sanches da Gama uma vez mais nos recordou e explicou as differentes variedades do estylo gothico: *primitivo, lanceado, radiante* e *flammejante*, que fômos encontrar na Batalha.

Um verdadeiro desatino, que neste logar convem referir, foi a substituição da *torre-laterna* pelo actual zimborio, obra mandada executar por D. Antonio de Vasconcellos e Sousa, bispo de Coimbra.

Tambem é digno de particular estudo, pelo seu prolongamento bem desenvolvido, o *triforium*, especie de galeria lançada por cima das abobadas das naves lateraes, o qual era destinado, nas primeiras épocas do christianismo, ás virgens e viuvas que acompanhavam os canticos religiosos.

Para terminar a breve exposição da nossa visita ao venerando templo, consagremos ainda duas palavras mais a este assumpto.

Se a architectura deste velho monumento nos deu materia para os nossos estudos sobre a historia da arte, tambem abriu um vasto horisonte ás nossas evocações historicas.

Todo o português, que penetre naquellas arcadas, não póde deixar de recordar as mais emocionantes tradições da historia patria com que tantos dos objectos que nos cercam se prendem e relacionam intimamente.

O templo da Sé Velha é, certamente, um livro magestoso de pedra que nos ensina a ler no passado.

Além dos innumeros factos historicos e lendarios, como a imposição da ordem da Cavallaria ao famigerado *Cid,* Rodrigo Dias de Bivar, a coroação do rei *Povoador* e de sua mulher D. Dulce de Aragão, a sagração do celebre *bispo-negro*, de que Herculano nos fala nas suas *Lendas e Narrativas,* ha ainda a acrescentar um grande numero de tumulos que nos prendem a attenção e despertam a curiosidade.

Se attentamente os observarmos, havemos de encontrar nelles farto estudo, exhaurido das cinzas dos que repousam naquelles frios sarcophagos.

Assim, no exterior do templo, deparamos logo com um tumulo, á guisa de pesada arca de pedra, já carcomido pelos annos, onde jazem os restos mortaes de D. Sisnando, conquistador e, mais tarde, conde e go vernador de Coimbra, no tempo de Fernando, o *Magno.*

«D. Sisnando, como diz o sr. Simões de Castro, tornou caro o seu nome pelo serviço que prestou ás letras patrias, instituindo de concerto com o bispo D. Paterno,

junto da Cathedral, um seminario de moços que viviam em communidade sob a regra de Santo Agostinho, e que nelle estudavam e se iam dispondo para illustrarem o reino com sua sciencia».

No interior, são recomendaveis, entre outros, os tumulos de D. Egas Fafes que foi bispo de Coimbra, e mais tarde de Compostella; o de D. Vetaça, illustre princêsa grega; o de Alvaro Gil Cabral, alcaide da Guarda, e um dos ascendentes do glorioso descobridor das plagas de Santa Cruz.

No cruzeiro existe a sepultura do celebre bispo D. Tiburcio, em frente da qual não podemos deixar de recordar as primeiras luctas religiosas, travadas em Portugal, de que resultou a perda do throno para D. Sancho ii.

Junto da capella-mór não é menos digna de reflexão uma lapide sepulcral, em que se vê um brazão *picado*. É o tumulo do bispo D. Joanne de Tavora, que nos suggeriu a lucta do Marquez de Pombal com a nobreza, da qual se originou tanto sangue derramado.

Já que recordamos o Marquez de Pombal, não devemos passar em silencio o admiravel claustro, que tambem visitámos, e que o grande Marquez mandou tapar, para em cima dos seus arcos edificar a Imprensa da Universidade.

Este claustro está hoje, felizmente, quasi restaurado por completo, patenteando a formosura das suas ogivas, libertadas das camadas informes do estuque, que alli amontoára um *Genio* de mau gosto.

Santa Maria de Alcobaça

Conheciamos, emfim, depois da nossa visita ao templo da Sé Velha de Coimbra, as bases primordiaes da architectura romanica.

Mas poderiamos, só com essas bases elementares, entrar com verdadeiro tino analytico, com olhos de attentos observadores, na organização e constituição maravilhosas dos estylos subsequentes na sua ordem chronologica?

Não receariamos saír da quasi escuridade, que envolve o templo romanico, com a vista toldada ainda pela luz confusa e diminuta, que se côa através das estreitas frestas das suas paredes, e penetrar logo abruptamente pelas portadas gigantescas e quasi sobrenaturaes do templo gothico no seu maior desenvolvimento, deixando-nos inundar por esse mar immenso de luz, que em revérberos de mil côres invade os recintos sagrados de tanta grandeza e magnificencia?

Não seriamos então forçados, num movimento inconsciente, a ter de levantar as mãos e tapar os olhos para não sermos inteiramente deslumbrados por tanta claridade?

Que fazer pois?

Procurar, sem duvida, o *intermediario*, se assim lhe

devemos chamar, entre esses verdadeiros contrastes, o romanico e o gothico mais avançado.

Assim procedemos.

E foi por isso que, antes de nos avisinharmos dos umbraes da Batalha, visitámos primeiramente, como para nos acostumarmos aos successivos choques da arte, o *mosteiro de Alcobaça.*

Qual é, porém, o estylo em que está construido o mosteiro de Alcobaça?

Será no romanico? Será no gothico?

Será, porventura, *no romanico de transição*, como alguem lhe chamou?

Tambem não. *Romanico de transição* é estylo que não existe.

Como classificar, então, o seu estylo?

Não é facil definí-lo numa synthese concreta.

Diremos pois, para nos cingirmos ás palavras do nosso illustrado professor de *Historia,* que, citando a definição de Corroyer, disse: «arte romanica é uma arte que tem ainda muito de romana sem já ser romana e já tem muito de gothica sem ainda ser gothica».

Ora o mosteiro de Alcobaça, tendo ainda detalhes caracteristicamente romanos na *sala do Capitulo* e portada da *sala dos Reis,* já é gothica pelo arco ogival das abobadas, pelo cruzeiro de ogivas e até pelos arcos botantes que equilibram exteriormente a charola da capella-mór e ainda pela completa eliminação do *triforium* das naves lateraes.

Mas é um typo de gothico primitivo ainda sem o arrojo de construcção que attingiu esta arte sublime.

Feito este pequeno preludio, passemos a relatar os topicos principaes do magestoso convento.

*

Na antiga e pittoresca villa de Alcobaça, que tira o seu nome dos dois exuberantes mananciaes — *Alcôa* e *Baça* — que regam e fertilizam os seus uberrimos campos; numa linda planicie, rodeada de formosos vergeis, onde medram as trepadeiras em flôr e vegetam o pinheiro agreste com a larangeira florida, e onde os vinhedos carregados de negros cachos se entremeiam com os doirados milharaes: destaca-se entre a casaria branca o grande e sumptuoso *convento de Santa Maria de Alcobaça*.

Fundado por D. Affonso Henriques em cumprimento de um voto feito pela tomada de Santarem, como se observa nas collecções de azulejos, collocados na *sala dos Reis*, foi doado pelo mesmo monarcha aos monges de Cistér.

A impressão que no primeiro relance de olhos nos causou este grandioso monumento foi a de um enorme quadrado, á roda do qual ficam as suas varias dependencias, hoje occupadas em serviço do Estado.

A igreja divide esse grande espaço em dois vastos rectangulos em cujo interior estão os claustros, organização mais ou menos identica á do mosteiro de S. Gall, na Suissa, donde parece ter partido similhante disposição.

A fachada da igreja, para a qual se sobe por uma ampla escadaria de bello effeito, cheia de elegantes pyras de pedra, está completamente modificada do que foi

no seu inicio, deixando ver apenas, da primitiva, a porta de entrada, onde se encontram já os *arcos-quebrados,* indicio do estylo gothico.

O restante da frontaria apresenta-nos uma serie de estylos e ornatos differentes, em que predomina a renascença, de mistura com alguns arcos romanicos.

Ha, todavia, no meio desta amalgama de estylos variados um não sei quê de encanto e de belleza, que, francamente, nos causou a mais agradavel impressão.

Ainda na frontaria e aos lados da porta principal, se destacam, em nichos, duas estatuas, a de S. Bento e a de S. Bernardo, admiravelmente esculpidas em marmore de Carrara.

Salienta-se por de cima desses nichos, apoiada em quatro grossas pilastras, uma longa varanda de pedra, embellezada com outras tantas bem esculpturadas estatuas, representando as Virtudes Cardeaes.

A meio desta varanda, na parede, abre-se uma formosa rosacea, primorosamente rendilhada, que dá um tom de belleza artistico a todo o edificio.

Finalmente na parte superior do frontispicio levantam-se duas airosas torres, entre as quaes sobresai um nicho com a imagem da Virgem tambem em marmore. Em contraposição das pequenas frestas da architectura romanica, apparecem já algumas *janellas*, embora não tão rasgadas como as que se admiram no gothico perfeito.

Dada esta breve noticia da parte externa, penetremos no seu interior.

O conjuncto é agradavel e bello, mas um tanto pesado ainda.

A sua disposição approxima-se tanto do gothico, quanto se afasta do romanico.

As tres naves em que se divide o corpo da igreja, ao contrario do que notámos no templo da Sé Velha em Coimbra, são *eguaes* em altura, mas demasiado estreitas as lateraes, o que facilmente se explica para não desequilibrar o peso das abobadas.

Estas tambem não são já em arco de circulo, mas em arcos-quebrados, e com o cruzamento de ogivas, embora não tão perfeitas como as que se encontram no grandioso mosteiro da Batalha.

Sobre esses arcos cruzados assentam as abobadas, que por sua vez se apoiam em vinte e quatro pilares, regularmente distanciados.

Uma particularidade digna de especial reparo e que desperta logo a attenção do visitante curioso, é o *duplo-cruzeiro,* que dá á planta da igreja a forma duma cruz archiepiscopal, empregado pela primeira vez, ao que parece, em 1089 na construcção da igreja do mosteiro de Cluny, na Borgonha.

A capella-mór é extremamente elegante: com a disposição em semi-circulo, é formada por differentes arcos, que assentam sobre oito singellas columnas romanicas, entremeadas de varios columnelos e algumas estatuas de differentes santos.

No centro da capella fica o altar, e sobranceiro a este um *florão*, representando, segundo se crê, a abobada celeste, o qual, a nosso vêr, não prima nem pela elegancia, nem pelo bom gosto.

Seria de bom pensar e de sympathica iniciativa, que, quem superintende nos monumentos artistico-nacionaes, mandasse, por amor da arte, retirar dalli aquelle *ornato,*

que não faz mais que deturpar a graça e a formosura das columnas que decoram a capella, e encobrir-lhe a sua belleza simples.

Ainda dentro da capella-mór, quem contempla todo o aspecto geral da igreja, com as suas abobadas, com as suas columnas gigantescas, com o cruzamento das suas ogivas, e com o seu vasto comprimento de mais de cem metros, fica verdadeiramente surpreendido e impressionado por um conjunto tão grandioso.

Pela primeira vez tivemos occasião de observar a *charola*, especie de corredor circular que envolve a capella-mór e onde se abrem sete capellas, adornadas com retabulos de talha doirada, bem executados.

Da charola ou deambulatorio, por uma elegantissima porta, admiravelmente lavrada em estylo manuelino, passa-se á sachristia, que é de estylo *rocailhe*, mas com pouca belleza artistica e *muito pobre e quasi glacial*, como diz um escriptor nosso.

Ao fundo della vê-se um pequeno santuario octogonal, coberto de talha doirada e revestido por bustos de madeira, cujo interior era destinado a encerrar reliquias de santos.

Alguns ha que se vêem arrombados e partidos, recordando-nos as guerras peninsulares e os desmandos praticados pelos franceses na ancia cupidinosa de se apoderarem de riquezas, que alli suppunham.

Quando verberavamos o procedimento de tal gente, não pelo que os bustos em si valiam, que pouco passam de grosseiros, mas por ver tamanha selvageria, contou-nos o Ex.mo Sr. Dr. SANCHES DA GAMA, em tom humoristico, que um seu antigo discipulo, quando alli se realizou uma outra excursão escolar, chamara a estes

vandalismos o **estylo francês** *do mosteiro de Alcobaça*...

Não commentamos: o termo é adequado...

Como nos ficava em caminho, saímos pela porta trazeira do mosteiro a um terraço, antigo jardim do convento e hoje cemiterio publico, onde admirámos a pequenina capella da Senhora do Desterro, obra primorosa da renascença do seculo XVI.

Respirámos então alegremente o ar fresco da manhã, bafejado pelos raios do sol, que se espraiava por entre grossas nuvens, prenuncio de aguaceiros proximos, para depois recomeçarmos o nosso estudo.

Lançando as vistas para as paredes carcomidas pelos annos, divisámos a par dos gigantes ou cachorros romanicos, já bastante reduzidos, os arcos-botantes, ainda que pouco desenvolvidos, do estylo gothico.

Voltando novamente ao interior da igreja, examinámos a *sala dos tumulos*, construcção de estylo ogival, onde sobresáem dois ricos mausoleus no mais apurado estylo gothico, o de D. Pedro e o de D. Ignês de Castro, ambos damnificados um pouco pela barbarie das hostes napoleonicas.

Escusado é relatar o turbilhão de ideias que neste momento invadiu o nosso espirito.

A morte tragica e cruel da *linda Ignês,* que, como diz o poeta

> As filhas do Mondego a morte escura
> Longo tempo chorando memoraram;

e os *saudosos campos do Mondego,* matizados de boninas e cheios de encantos, e dos quaes vinhamos

tributar alli a nossa homenagem ás cinzas dos dois *martyres do amor:* — tudo isto arrebatou em extasis as nossas almas ardentes de portugueses, que lembram com saudosa recordação o nosso passado.

Curiosa é a disposição dos dois mausuleus. Em vez de se encontrarem lado a lado, como é costume, estão dispostos em linha recta, com os pés voltados um para o outro, segundo diz a poetica tradição, hoje reconhecidamente falsa, para no momento da resurreição se levantarem frente a frente, e assim mais facilmente se abraçarem talvez...

Comquanto sejam ambos admiravais, é mais bello, sem duvida, o de D. Pedro. Um e outro assentam sobre seis leões de pedra, e são orlados em toda a volta, o de D. Ignês com os brazões dos Castros, entremeados com as armas portuguesas, e o de D. Pedro só com os escudos nacionaes.

Sobre estes tumulos admiram-se ainda duas bellas estatuas de pedra, ladeadas por anjos: a de D. Pedro com os pés apoiados contra um molosso; e a de D. Ignês com as plantas formosamente a descoberto.

Visitámos em seguida a chamada *sala dos Reis*, nua de toda a arte e bom gosto.

A respeito desta dependencia, lê-se na *Architectura Religiosa,* do sr. AUGUSTO FUSCHINI: — «A sala dos Reis deve ser coeva da igreja e do claustro... Não tem valor architectonico. A sua designação provêm de umas estatuas (?!) de gesso com os olhos pintados, que sobre misulas de pedra *ornam* as paredes do recinto. Uma só phrase define estas grotescas personagens: — *ridiculas e vergonhosas.* — Seria uma obra de misericordia artistica e de amor patrio tirar dalli aquelles *mónos,*

que attestam a esthetica dos gordos frades de Alcobaça e nos envergonham perante nacionaes e estrangeiros.»...

Até meio, as paredes são revestidas por collecções de azulejos, alusivos á edificação do mosteiro e factos relativos, como o *voto* de Affonso Henriques, o lançamento da primeira pedra, a doação, etc....

A um canto da sala vê-se ainda um grande *caldeirão* de cobre, que foi tomado aos castelhanos em Aljubarrota, e por isso apreciavel como testemunho da batalha. Foi offerecido ao convento por D. Nuno Alvares Pereira.

Examinámos por fim o claustro do *Silencio,* vulgarmente chamado de D. Dinís.

É um amplo e gracioso claustro de duas series de galerias, uma inferior, formada por longas arcadas gothicas de cantaria, subdivididas em pequenos arcos e rosetas; e outra superior, mandada construir por D. Affonso, abbade geral do mosteiro, em estylo manuelino, traçada por arcos de volta-abatida com uma ou mais columnas ao centro e coberta por tectos de madeira.

Num dos angulos deste claustro fomos deparar com uma bonita fonte de marmore, reminiscencia do antigo *cantharus,* que hoje se encontra em quasi todos os claustros.

Uma das peças, talvez, mais bellas, que existem no mosteiro, é indubitavelmente a *sala do Capitulo.* É em estylo gothico perfeito. Dá entrada para ella uma imponente porta, com duas janellas de cada lado, uma e outras no mais puro estylo romanico.

Do restante do antigo convento apenas recordaremos

a cosinha descommunal, atravessada pelo Alcôa, e o immenso *quinteiro,* onde os frades rachavam a lenha, e por fim a sala da bibliotheca, prestes a ruir por completo, bibliotheca que era das mais ricas que possuiamos, sobretudo pelos valiosos manuscriptos, de que se perdeu, infelizmente, uma grande parte, estando os restantes espalhados pelas differentes bibliothecas publicas do país.

Eis em largos traços os pontos principaes que mais nos impressionaram e mais admirámos no grandioso mosteiro de Alcobaça.

A arte gothica

Depois da architectura *romanica,* surge, no campo das evoluções artisticas, a *arte gothica,* composição sublime, que quasi traduz a espiritualização da materia, e cuja constituição é, na phrase de um escriptor moderno, *um milagre de equilibrio.*

Comquanto o termo *gothico,* por que vulgarmente é conhecida, não seja proprio, nem bem adequado, pois que esta arte primorosa nada deve e nada tem dos godos, senão o improprio nome, continuaremos, não obstante, a designá-la assim, porque esse é o nome que lhe está universalmente consagrado.

A respeito ainda deste termo *gothico,* não deixaremos de frisar aqui que um grande artista, de todo o mundo conhecido e celebrado, RAPHAEL SANZIO, escrevendo ao papa Leão X e fallando-lhe desta nova arte, lhe chamou *gothica,* com um ar de despreso, e para significar o mesmo que *grotesca* e *insignificante.*

Quanto se enganava o grande artista!...

Muito diversas são as opiniões á cerca da origem desta architectura: — uns, os que pensam mais acertadamente, talvez, suppoem-na oriunda das antigas construcções syriacas e persas; outros, pretendem descobrir

nas abobadas hispano-arabes de Cordova o principio fundamental dos arcos ogivaes; e ainda alguns, com Dartein, vêem o desenho da sua estructura nos edificios lombardos, especialmente em Santo Ambrosio de Milão.

Dois são os elementos essenciaes de resistencia na arte gothica: o *arco-botante* ou *botareo,* ideado pela necessidade de suster a pressão e o peso das abobadas, e a *cruz de ogivas,* que serve para transportar o peso da abobada a um contraforte.

Partindo da Ilha de França ou talvez da Normandia, espalhou-se com brevidade a arte gothica em toda a Europa.

Na França desenvolveu-se com grande intensidade, erigindo o enthusiasmo religioso da epocha as egrejas de Notre-Dame e S. Dinís, e as magestosas cathedraes de Chartres, Amiens, Bourges, Reims e outras.

Daqui, propagada por associações ou *familias de artistas,* passou á Inglaterra e á Allemanha, onde brindou a esta os monumentos de Marburgo e Halberstadt, e áquella o de Westeminster e as cathedraes assombrosas de Canterbury e de York.

Na Italia concentrou-se o brilho desta arte admiravel na celebre cathedral de Milão; na Hespanha diffundiu-se pelas de Cuenca, Burgos, Toledo e Sevilha; e em Portugal, se não abunda com prodigalidade em varios monumentos, fulgura, todavia, quasi divinamente, no grandioso mosteiro da Batalha, que basta para immortalizar o estylo gothico e pode enfileirar-se a par das melhores de todas as outras nações.

Deste monumento tentaremos, quanto possivel, dar um pallido reflexo.

O mosteiro da Batalha

Somos chegados alfim ao ponto almejado da nossa excursão. Eis-nos em frente do sumptuoso *mosteiro da Batalha,* desse padrão immorredouro da nossa fé, do nosso valor e da nossa liberdade.

Mole immensa atirada ao espaço pela mão possante do Mestre de Avís, o magestoso monumento recorda a todos os portugueses o inicio das nossas grandezas, como esse outro, seu irmão pela magestade do edificador e magnificencia da arte, que alem abrilhanta com as suas altissimas torres as margens do formoso Tejo, lh'as está a celebrar, emquanto durar o mundo. Duas epopeias grandiosas que immortalizam o nome português:

A Batalha com todas as bellezas e encantos dos seus quasi sobrenaturaes rendilhados, abertos a escopro na pedra dura, testefica a nossa independencia; e os Jeronymos com as elegantissimas enxarcias petreas, entrelaçando-se por columnas delicadissimas, synthetisa as navegações dos lusitanos *por mares nunca dantes navegados* e as glorias que alcançaram no Oriente

> Em perigos e guerras esforçados
> Mais do que promettia a força humana...

Era o dia 14 de agosto de 1385, vespera da gloriosa Assumpção da Mãe de Deus. O rei soldado, cavalgando com galhardia o seu belligero corcel, com os olhos levantados aos céus exclama: — Senhora! se me dáis a victoria, erigir-vos-hei no campo da batalha um sumptuoso monumento, que testifique ás gerações vindouras o vosso poder.

Qual fosse o resultado da tremenda lucta, travada entre um pequeno numero de portugueses e o aguerrido exercito hespanhol, é de todos bem conhecido e todos sabemos que

> A sublime bandeira castelhana
> Foi derribada aos pés da lusitana!...

Faltava o monumento que attestasse esse facto glorioso nos annaes da Historia patria... Mas elle... lá está, testemunho eterno da nossa fé, baluarte inexpugnavel do valor português e estrella fulgurante da indepencia da Patria.

Se eu fosse poeta, ó formoso mosteiro da Batalha, para ti seriam os meus hymnos...

Que dizer, pois, de todo este edificio, se a admiravel simplicidade de linhas e a leveza sublime do estylo nos confunde e quasi desorienta?!

Que poderiamos, no meio de toda essa grandiosidade, descrever de particular, que não desmerecesse e desdissesse da belleza do original?!

Consenti que extracte algumas palavras que comprovem esta affirmativa, palavras do grande literato

— Fr. Luís de Sousa — que habilmente se occupou deste monumento:

— «Requereria esta machina, para a podermos bem representar aos olhos do leitor, obra mais de *pincel* que de *penna,* mais pintura que descripção historiada; porque toda a narração fica curta nas excellencias della, visto não podermos alcançar com a escriptura particularizar miudezas...» —

Procuraremos, comtudo, descrever algumas das particularidades que mais nos impressionaram.

No primeiro momento parece que uma força invencivel nos forçava a permanecer alli extasiados deante daquellas fachadas a admirar-lhes as linhas e os traços que artistas de genio ali gravaram.

Mas infelizmente tivemos a desajudarnos na nossa excursão, e principalmente aqui, um pessimo tempo de impertinentes chuveiros, que fustigavam de quando em vez aquellas frontarias venerandas.

Na fachada principal surprehendeu-nos o portico de entrada, que volta ao occidente e que é por si só um verdadeiro primor da arte, onde se divisam bastantes estatuas na archivolta, rodeando o timpano, que tambem é de pedra, e onde bellamente esculpido está o Padre Eterno, abençoando o mundo.

Superiormente ao portico fica uma ampla e elegantissima janella que illumina o interior. Ha ainda outras duas, situadas num plano mais baixo e mais estreitas que esta, dando luz para as naves lateraes do templo.

Já na fachada principal se descobrem dois *arcos-botantes* muito abertos e bem rendilhados.

*

O interior não desdiz da apparencia geral: é grandioso e arrebatador, e a primeira sensação que recebemos tão intima foi, que se torna impossivel descrevê-la.

Dentro do templo, o primeiro desejo, que de nós se apoderou, foi o de visitar o *pantheon-real* ou *capella do fundador,* por quanto chamava ella a nossa attenção e movia o nosso respeito para as cinzas dos que ali dormiam o somno eterno.

Relativamente á planta da igreja, acha-se situado o *pantheon,* cuja forma é quadrada, á direita de quem entra, isto é, voltado para o sul.

É uma elegante sala, com 20 metros de lado, maravilhosamente architectada.

A luz resalta a jorros por varias janellas, das quaes tres, voltadas ao occidente, são do estylo mais puro, sendo a central magnifica.

Ao centro, em vistoso mausoleu de marmore branco, descançam os restos mortaes do fundador do mosteiro e de sua mulher D. Filippa.

Examinêmo-lo por alguns momentos: — O tumulo eleva-se bastante do pavimento, sendo necessario, para melhor o observar, subir a uma pequena escada de mão. Em toda a sua volta, no friso superior, enxerga-se uma silva em relêvo, aberta na pedra, symbolizando, talvez, a *sarça ardente* de Moysés, para significar que

se este organizára um povo, o que ali repousa constituira uma *patria livre* — a Patria portugueza. —

Entrelaçada nesta silva é num como circulo de folhagem, se lê a inscripção — *Il me plait* — e mais em baixo — *Por bem.* —

Os vultos dos dois monarchas repousam na parte superior deste monumento com as mãos dadas, tendo a cobrir-lhes as cabeças, que são coroadas, dois primorosos baldaquinos, em que se vêem respectivamente os seus escudos.

Nas faces lateraes lêem-se dois compridos epitaphios, o do rei e o da rainha.

Em delicados sarcophagos, embutidos nas paredes sul e poente desta capella, jazem aquelles a quem o *epico* chamou — *inclyta geração, altos infantes!* —

Alli se contemplam o tumulo de D. Pedro, malogrado duque de Coimbra, cujo saber correu parelhas com a desgraça, lendo-se junto dos seus escudos de armas a sua divisa em letra gothica — *Dezir*... —; o do infante D. Henrique, cujo nome anda muito intimamente ligado á nossa historia maritima, com a bem conhecida legenda — *Talent de bien faire* — ; o de D. João, cavalleiro de S. Thiago e condestavel do reino, com o distico — *J'ai bien raison* — ; e o do infeliz D. Fernando, cujas doiradas esporas de cavalleiro foi trocar pelas palmas do martyrio nas plagas africanas, com uma inscripção toda repassada de suave poesia — *Le bien me plait.* —

Além destes, vêem-se ainda o de D. João II com o Pellicano symbolico, o do principe D. Affonso, seu filho, que morreu desastradamente nas margens do rio Tejo, e o de D. Affonso V com um emblema bastante enigmatico, até hoje indecifravel, formado por um 7

em algarismos romanos — VII —, um ramo de hera, um rodizio, e a seguir a palavra *jamais*, a que um nosso antigo professor, o Sr. Leuschener, deu a seguinte interpretação, que não deixa de ser engenhosa — *toujours constant, inconstant jamais*. —

Saídos desta soberba capella, avançámos pela igreja, admirando toda a belleza de columnas, formadas pelas mais direitas linhas que se levantam altas até se perderem nas ogivas das abobadas, a quererem, como que numa supplica ardente e fervorosa, libertar-se da terra e evolar-se aos céus...

O tom róseo da cantaria, que reveste as paredes, misturado com a luz polychroma, que entra em jactos pelas grandes e immensas janellas, revestidas de illuminuras, é o bastante para nos desvirtuar os sentidos e inebriar-nos naquella athmosphera, quasi divinal.

O *transceptum*, para onde abrem quatro elegantissimos absides, afóra a capella-mór, é amplo e formoso.

No extremo sul do cruzeiro existe um portal, tambem de primorosos lavores, que com a porta principal são os unicos que abrem para o exterior.

Na extremidade opposta, fica um altar com retabulo de pedra, onde podem admirar-se alguns quadros, attribuidos á celebre — Josepha de Obidos — e dois, os superiores, ao nosso maravilhoso artista — Grão Vasco.

Na capella-mór, que se eleva á altura do templo e é illuminada por duas ordens de compridas janellas, em que se observam e differenceiam logo á primeira vista, pelo matizado suave e gracioso das suas tintas, os raros e muito apreciados *vitraes* primitivos, hoje, circumscriptos quasi somente a esta, jazem os feretros de

D. Duarte e de D. Leonor, sua mulher, em um modesto, mas formosissimo moimento de marmore, onde se lê apenas uma singella e despretenciosa inscripção latina, alusiva aos dois monarchas que alli repousam.

Passâmos em claro as restantes quatro capellas do cruzeiro, não porque a sua belleza as não torne dignas de serem descriptas, mas porque não queremos faltar ao nosso programma, que no inicio nos proposemos, o de ser breve; e ainda porque só em grossos volumes se descrevéria *tudo* quanto encerra tão grandioso monumento, e porque não sabemos se poderiamos e teriamos competencia para tanto.

Deixando a igreja, entrámos no admiravel claustro principal, o primeiro na ordem architectonica dos monumentos nacionaes, vulgarmente denominado de *D. João I.*

Um outro existe ainda no mosteiro, o de *D. Affonso V,* que comparado com aquelle é como um planeta em frente dum sol brilhante.

É um amplo e grandioso quadrado, o *claustro de D. João I,* medindo cerca de 55 metros por lado.

Encosta-se á nave lateral do norte, e é formado de grande numero de porticos, cuja altura em nada damnifica o aspecto geral do edificio, que, visto daqui, offerece um aspecto deslumbrante.

Estes porticos são admiravelmente burilados e revestidos por vistosos timpanos, delicadissimos nos seus rendilhados, onde realçam, de espaço a espaço, a esphera armilar e a Cruz de Christo.

Estes timpanos descançam apoiados em finissimos columnelos.

A um canto do claustro, semilhantemente ao que

vimos no mosteiro de Alcobaça, existe um tanque ou *lavabo* debaixo dum formoso pavilhão bellamente talhado, que é, talvez, como diz o sr. Fuschini, — «o ponto do mosteiro onde os architectos empregaram mais rica ornamentação...»

No ramo oriental do claustro rasga-se uma porta admiravel, que dá entrada para a magestosa *sala do Capitulo,* decorada com o mais puro estylo gothico *inglês.*

Admira-se sobretudo no seu conjunto a singelleza e ao mesmo tempo gravidade das suas linhas e columnas, que, partindo da abobada, veem descançar em elegantes misulas que se descobrem ao longo e nos angulos das paredes, ficando assim a abobada como que suspensa dellas.

Num dos angulos da sala enxerga-se um pequeno busto, que dizem ser de *Affonso Domingues,* supposto *architecto* do monumento, á volta do qual se teem levantado as mais peregrinas lendas, dizendo-se que fôra elle quem ideára e levantára aquella obra assombrosa; que, quando pela terceira vez se tiraram os simplices á sala do Capitulo, que já por duas havia desabado, permanecera debaixo della tres dias e outras tantas noites, para perecer na sua derrocada, caso ella ruisse novamente; e que a abobada ficara para perpetuamente lhe divulgar o raro engenho...

Estas lendas deram materia a uma interessante composição literaria do nosso Herculano — *A Abobada* — de que extraímos as seguintes palavras postas na bocca de Affonso Domingues:

— «Daqui ninguem me retira sem findar o tempo que marquei, porque, como já disse, quero fazer ver

ao mestre de Avís, que não foi preciso ter vista para levantar tão grandiosa abobada, e mesmo ao mestre David Ouguet, que estava encarregado de me substituir depois de me faltar completamente o alento da vista;

. . . .

deveis ter visto algum traslado da *Divina Comedia* do florentino Dante... pois sabei que este mosteiro, que se ergue deante de nós era a minha — Divina Comedia —, o cantico da minha alma: concebi-o eu; viveu commigo largos annos, em sonhos e em vigilia: cada columna, cada mainel, cada fresta, cada arco era uma pagina de canção immensa; mas canção que cumpria se escrevesse em marmore, porque só o marmore era digno della.

Os milhares de lavores que tracei em meu desenho eram milhares de versos; e porque ceguei arrancaram-me das mãos o livro, e nas paginas em branco mandaram escrever um estrangeiro!...

Loucos!...» —

Mas infelizmente a logica da verdade veio destruir as lendas, dando-nos apenas em Affonso Domingues o principal *vedor* daquellas obras e nunca um *rei pela arte,* como alguem lhe chamou.

Visitámos a seguir o antigo refeitorio, que nada tem a recommendá-lo mais do que algumas peças mutiladas e inutilizadas pelos *franceses,* durante as suas barbaras incursões pelo nosso país, e que alli foram cuidadosamente archivadas para attestar ás gerações onde chega o furor e a rapina dum povo desenfreado, e bem assim o meticuloso cuidado das restaurações executadas.

*

Restava-nos finalmente examinar uma das peças mais importantes do grandioso mosteiro e que alli relembram a mão possante e magnanima do *Rei Venturoso*.

Eram as *Capellas imperfeitas*, que melhor deveriam chamar-se *incompletas*, pois que em perfeição nada haverá no *dominio da arte* capaz de exceder a belleza daquelles lavores.

A sua planta dá-nos a forma dum grande octogono regular, sete lados do qual são occupados por outras tantas capellas e o restante pelo sumptuoso portico.

Tudo alli, até as coisas mais insignificantes á primeira vista, é digno do nosso estudo e de uma acuradissima observação.

Nas paredes do vestibulo, que liga as capellas imperfeitas com a capella-mór, fica-se encantado com duas formosissimas janellas *manuelinas* da mais estremada elegancia e do mais delicado gosto.

Em toda a parte topamos com a grandeza desse faustoso monarcha e a cada passo deparamos, donde em onde, com o seu nome atirado á guarda daquellas pedras contra a acção destruidora do tempo, e que se synthetiza e traduz na letra inicial do seu nome — *Emanuel* — gravada naquellas sublimidades da arte.

Emfim tudo alli é grande e admiravel!

Nesta unica phrase se pode conglobar toda a belleza artistica das *Capellas imperfeitas*. Não podemos, no en-

tanto, resistir á tentação de especializar a magnifica porta de entrada, assombro de architectura.

É essa porta, no dizer do sr. FUSCHINI, «uma das melhores, das mais ricas e bellas, se não a melhor que temos visto fóra e dentro do país.

«Deve ser considerada incontestavelmente um primor de elegancia, de ornamentação e de execução; mas um architecto ogival não a poderia ter creado, por maior genio e sciencia que possuisse.

«A potente concepção do artista, fosse elle quem fosse, já estava fortemente aquecida pela renascença e enthusiasmada pelas glorias das viagens portuguesas ao Oriente. Sente-se, vê-se isto naquellas pedras quasi cinzeladas».

É nesta porta que se lê a notavel legenda, que tantas discussões tem motivado e que tão differentes interpretações tem recebido.

Segundo antigas opiniões esta inscripção ou legenda gothica, é composta de duas phrases gregas — *pante taray* — e — *tanyas erey* — que juntas significam: — *depressa por toda a parte descobre regiões.* —

A primeira destas phrases — *pante taray* — encerrada dentro de dois anneis, acha-se disseminada em relêvo, ao longo do mesmo portico.

Outras decifrações se teem aventado sobre a mesma inscripção, servindo de pabulo á critica archiologica, avultando a da Sr.ª D. CAROLINA MICHAELIS DE VASCONCELLOS, que julgou ler a divisa de — *tenaz serei* — e finalmente a do Sr. General BRITO REBELLO que parece ter terminado a questão, affirmando ser a legenda de D. Duarte — *loyauté tant que serait* — existente noutros documentos authenticos.

*

Terminámos a nossa visita: eis concluida a nossa excursão: é tempo de partir.

Com pesar e sentida mágoa somos forçados a arrancar dalli o nosso espirito, que quasi era assimilado por toda aquella grandeza.

Uma imagem, porem, entre todas as outras, que mais feriram a nossa phantasia, ficou então intimamente gravada bem fundo na nossa alma: foi a imagem de todo aquelle grandioso conjunto na sua simplicidade extrema...

Foi a reproducção suavissima e sublime daquelle admiravel monumento, similhando, na phrase bella e poetica dum nosso escriptor, — «a impressão encantadora das mulheres virgens, honestas e formosas, ornadas com essa extrema e elegante simplicidade, que é o reflexo exterior e harmonico de um puro estado da alma. —»

*

Ao encerrar este relatorio, não podemos deixar de cumprir o honroso dever de consignar aqui os nossos respeitosos agradecimentos a algumas pessôas para com as quaes contraímos uma divida de gratidão.

Especializamos em primeiro logar o nosso meritissimo e distincto professor, Ex.mo Sr. Dr. Sanches da Gama, que gostosamente accedeu ao nosso pedido, dignando-se acompanhar-nos e diffundir em nossos espiritos, com as suas constantes explicações e ensinamentos, os salutares conhecimentos da sua muito vasta erudição artistico-literaria.

Jamais olvidaremos o carinho, proprio do seu caracter austero e nobre, com que nos tratou em todos os dias que durou a excursão, e bem assim as palavras de incitamento ao estudo das letras e da arte, casadas com as de encendrado amor patrio, que incutiu em nossas almas juvenis.

Ao Ex.mo Reitor do Lyceu, Dr. Antonio Thomé, de quem temos recebido sempre provas da maior consideração, e bem assim ao Ex.mo Sr. Dr. Silvio Péllico, nosso muito illustre e dedicado professor, prestamos tambem o nosso reconhecido agradecimento pela amavel deferencia que nos dispensou, apresentando-nos as suas despedidas na occasião da nossa partida para a Batalha.

Egualmente aqui tributamos o nosso reconhecimento ao Ex.mo Sr. Dr. José Baptista Zagallo, Juiz de Direito da comarca de Alcobaça, que tão gentilmente nos obsequiou durante o tempo que permanecemos naquella villa.